

A subjetivação da mulher no *Conto da Aia* de Margaret Atwood

Kleanne Rocha Sartório

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as estruturas sociais e o papel das *aias* dentro da sociedade gileadeana, utilizando a distopia como ferramenta de análise historiográfica para realizar um pequeno paralelo entre medicalização de corpos femininos nas historiografias.

Palavras chave: *distopia, medicalização, história.*

“Somos receptáculos, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes” (p.118). É assim que a personagem principal, Offred percebe a si mesma e as outras *aias* dentro da obra de Margaret Atwood, *O Conto de Aia*. A autora fez diversas pesquisas¹ para escrever essa ficção distópica, lançando o livro em 1985. O impacto que esta obra teve foi significativo, e chegou a ganhar o *Governor General's Award*, prêmio importante para a literatura canadense.

O romance é ambientado nos Estados Unidos da América. Na história sua capital, Washington, foi destruída por um grupo chamado *Filhos de Jacó*, eles bombardearam o congresso, mataram o presidente e instauraram um regime militar. A motivação para o ataque está no índice de natalidade mundial, o mundo sofre com uma radiação que tornou mulheres e homens inférteis, - a suposição de que homens sejam inférteis é proibida nesse novo regime - tendo eles, os *Filhos de Jacó*, o dever de consertar a humanidade. É fundada a República de *Gilead*, um regime teocrático totalitário que tem sua constituição baseada na *Bíblia* cristã. Um sistema de castas que categoriza as mulheres, e os homens privilegiados, fundadores desse regime, são chamados Comandantes, o resto da sociedade vive na margem e as Não Mulheres vivem nas Colônias, para onde todo o lixo tóxico é enviado.

Dentro dessa sociedade, castas e categorias servem para docilizar cada corpo em seu respectivo lugar, sendo as mulheres a parcela da população mais afetada. A ordem da casta de mulheres se dá - na ordem de maiores privilégios: Esposas, mulheres casadas com os Comandantes, férteis ou não; Tias, mulheres mais velhas que cuidam da reeducação e doutrinação das *aias* no centro vermelho e acreditam

¹ STAFF, Ew. Emma Watson interviews Margaret Atwood about *The Handmaid's Tale*. *Entertainment*. 14. jul. 2017. Concedida a Emma Watson. Disponível em: <https://ew.com/books/2017/07/14/emma-watson-interviews-margaret-atwood-handmaids-tale/> acessado em: dez/2018

no regime ou admiram a posição de poder, pela idade avançada são inférteis, são as únicas que possuem o privilégio da leitura e escrita, algo proibido para as mulheres; Marthas, mulheres mais velhas que não são férteis que realizam o trabalho doméstico; Ecoesposas, mulheres que são dadas a casamento para homens que trabalham como Guardiões e que mereceram de alguma forma o casamento, elas realizam todas as tarefas do lar e podem ou não serem férteis; *Aias*, são as mulheres férteis que são utilizadas na reprodução humana, só os Comandantes têm direito a terem uma *aia* para si; e as Não Mulheres, que são mulheres que cometeram crimes como aborto, traições do gênero (lésbicas, bissexuais, transgêneros), ativistas do direito das mulheres, ateísmo ou que se negam a exercer as funções que são obrigadas dentro de Gilead, essas mulheres são geralmente mandadas para as colônias. Cada categoria tem uma cor de roupa que a classifica e a identifica dentro do espaço territorial dessa sociedade, para as Esposas a cor azul, Tias usam um tom caqui, para as Marthas a cor verde, as *Aias* usam vermelho e para as Ecoesposas e as Não Mulheres o cinza.

Para entender como corpos femininos, dentro de uma sociedade teocrática totalitária, são subjetivados, precisamos compreender que subjetivação necessita da existência de uma suposição em cima da ideia de *sujeito*, ou que este sujeito seja tão marginalizado que passa a não possuir mais tal sentido. Entender *sujeito* requer dois caminhos: como eles são formados e quem os forma.

Judith Butler (2017) entende a formação através de uma legitimação da linguagem que produz e exclui sujeitos jurídicos por meio de posicionamentos que questionam a existência dos mesmos, “em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento” (BUTLER, 2017. p.19). Butler está dizendo que através da linguagem jurídica, se legitima o sujeito e o constrói, por ações naturalizadas e excludentes, podendo este sujeito ser uma negação dentro dessa categoria, afinal, o ser ou não ser desta questão se dá através de ações legitimadoras de um poder que determina o que categoriza a noção de sujeito. A construção de subjetividade é dada então dentro do aspecto legitimador jurídico do que se constrói como *sujeito* através da linguagem.

Dentro da *República de Gilead* esses aspectos são nítidos e presentes, no momento em que um grupo de mulheres passam a ser propriedades governamentais,

se retiram direitos de mulheres lerem, escreverem, participarem da política ou de exercerem papéis sociais fora do lar, reafirma-se os direitos masculinos de poder político, administrativo, armamentista, público e patriarcal.

Para Luce Irigaray (1985) a mulher nunca será o *sujeito* no que tange a discussão dual masculino e feminino, nesse sentido a mulher não pode ser representada na linguagem, seja ela jurídica ou não, como um oposto pois não é. O *outro* não se encaixa na definição de um sujeito feminino, para ela, “mulher *nunca é nada*, mas o locus, uma troca mais ou menos competitiva entre dois homens, incluindo a competição da posse pela Mãe Terra” (IRIGARAY, 1985. p. 31. tradução nossa).

A competição dos corpos, em *O Conto da Aia* é intensificada quando o Comandante transgride as regras para satisfazer seus desejos visitando a *Casa de Jezabel* com Offred. A casa é o lugar onde mulheres, que não foram mandadas para as *Colônias*, estão. Seus corpos são objetos sexuais, mas nesse caso, não possuem a função de gerar, seu objetivo é o prazer sexual. É dentro desse prostíbulo que os homens, principalmente os Comandantes, podem acessar o passado americano, usufruir desses corpos escravizados e permanecerem no controle da docilização através dos mecanismos do poder.

“Pensamos que faríamos melhor. [...] Melhor nunca significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns”(ATWOOD, 2017. p. 251). É o que diz o Comandante de Offred em uma conversa sobre o que ela pensa a respeito do que eles - os *Filhos de Jacó* - estão fazendo. Parafraseando este trecho: distopia nunca significa o melhor para todo mundo, sempre significa utopia, para alguns. E vice-versa.

O tempo mudou. O passado ocupa o presente e o futuro é o próximo passo. As escritas das Histórias é afetada por objeto e objetivo, as distopias ocupam lugar de alerta ao presente, Offred está contando sua história para alguém, o alguém do futuro, *você*. Atwood fez pesquisas para escrever essa distopia, nas Notas Históricas podemos ver como ela brinca com a função do historiador e o fazer historiográfico e diz: “como todos os historiadores sabem, o passado é uma enorme escuridão, e repleto de ecos. Vozes podem nos alcançar a partir de lá; mas o que dizem é imbuído de obscuridades da matriz da qual elas vêm; e, por mais que tentemos, nem sempre podemos decifrá-las precisamente à luz mais clara de nosso próprio tempo” (ATWOOD, 2017. p. 366).

As mulheres são parte do desenvolvimento histórico, tanto na obra de Atwood quanto na História. Margaret Rago (1993) afirma que a forma de escrever história “ampliou-se [...] novos sujeitos femininos foram incluídos no discurso histórico” (RAGO, 1993. p. 14), o passado não previu que essas lacunas seriam preenchidas, infelizmente, essa escrita continua ínfima dentro do mar de vozes afogadas. As distopias servem de alerta, para Hilario (2013) elas são o *aviso de incêndio*, mas podem ser uma fissura temporal, o *não lugar* perfeito para permitir que o eco da história se perpetue.

As *aías* são enviadas para casas de Comandantes, para manterem a taxa de natalidade positiva. É na Cerimônia, um ritual religioso, legitimado pelo Estado e pela Bíblia, um estupro como forma de reprodução, que mostra para a *Offred* qual o papel dela dentro dessa sociedade. O trecho de Gênesis 30:1-5², descreve Raquel que não pode ter filhos, dando sua serva Bila a Jacó para ter filhos por ela. “*Dá-me filhos, se não eu morro*” não é apenas uma frase de efeito, para as *aías*, é uma sentença. O processo para manter esses corpos saudáveis para gerarem, é dado por meio da medicalização, que é o papel fundamental para a manutenção desse regime.

Dentro deste aspecto, a medicalização é um processo que “transforma aspectos da vida cotidiana em objetos da medicina” (VIEIRA, 2013. p. 67). A medicalização feminina é o processo em que a medicina toma o corpo da mulher como objeto de estudo, seu objetivo maior é estudar formas de reprodução e técnicas reprodutivas que o corpo feminino pode oferecer, é colado no corpo as tarefas sociais que a mulher deve exercer, sendo a principal a reprodução, chave para um princípio patriarcal que obscurece a realidade dos corpos das mulheres e o parto. (SCOTT, 1989. p. 9)

Vieira (2013) entende que o corpo da mulher como objeto da medicina é papel fundamental para que as diferenças biológicas entre o corpo masculino e o corpo feminino sejam ditadas na sociedade, o que encaminha a construir historicamente o papel social feminino por conta de suas capacidades biológicas de reprodução. “A ideia de natureza feminina baseia-se em fatos biológicos que ocorrem no corpo da mulher - a capacidade de gestar, parir e amamentar. Na medida em que essa determinação biológica parece justificar plenamente as questões sociais que

² “Quando Raquel viu que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã. Por isso disse a Jacó: “Dê-me filhos ou morrerá!” Jacó ficou irritado e disse: “Por acaso estou no lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?” Então ela respondeu: “Aqui está Bila, minha serva. Deite-se com ela, para que tenha filhos em meu lugar e por meio dela eu também possa formar família”. Por isso ela deu a Jacó sua serva Bila por mulher. Ele deitou-se com ela. Bila engravidou e deu-lhe um filho.”

envolvem este corpo” (VIEIRA, 2013, p. 68). É exatamente essa característica biológica que determina uma série de funções sociais para corpos biologicamente femininos. O corpo com um útero fértil é ferramenta de reprodução nas mãos da medicina, ciência que estabelece valores que permeiam o sociocultural e determinam o que cada corpo deve realizar.

O corpo das mulheres desde que se tem conhecimento sempre foi retratado como um corpo masculino invertido que possui capacidade de reprodução. Essa capacidade biológica foi posta à frente do corpo feminino, sendo o alicerce para justificar a imposição de papéis sociais relacionados ao ser feminino. O final do século XIX foi para medicina ocidental um momento de se debruçar sobre este corpo, utilizando os instrumentos médicos e o poder político ao seu favor, reforçando esteriótipos e medicalizando estes corpos na intenção de torná-los perfeitos para diferentes métodos de reprodução. Atwood já comentou em entrevistas que sua obra não é uma distopia exatamente por carregar elementos presentes no passado e no presente, mas podemos observar até aqui que a distopia serve de alerta para algum tempo histórico.

Podemos compreender que o passado histórico e o futuro distópico, podem se encontrar nos caminhos diversos da História. A *pós-modernidade* abriu o *horizonte de expectativa* inalcançável, tornando as passagens temporais abertas a novas percepções e mudanças, causando inquietude no espaço de experiência. As distopias podem servir de alerta para o presente. Mas como os corpos reagem a esse alerta de incêndio? Existe maneira de resistir aos efeitos do poder autoritário? Como percebemos a docilização? Cabe a História utilizar as distopias para alertar sobre os passados presentes? Perante estes questionamentos, podemos ver que existe um longo caminho a ser percorrido nos ecos da História.

Bibliografia:

ATWOOD, Margareth. O conto da aia. Tradução de Ana Dieró. Rio de Janeiro, ROCCO, 2017.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2017.

COSTA, T. ET AL. Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.10, n.20, p.363-80, jul/dez 2006.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ISSN 2175-7917. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

IRIGARAY, Luce. This sex which is no one. Translated by Catherine Porter with Carolyn Burke. Cornell Press, 1985.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. UNICAMP, São Paulo. 1993. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) - Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis. ED. Mulheres, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rulfinio Dabat e Maria Betânia Ávila. Nova Iorque. Universidade de Colúmbia, 1989.

VIEIRA, EM. A medicalização do corpo feminino. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2002. in. GIFFIN, K., and COSTA, SH., orgs. Questões da saúde reprodutiva [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. 468 p. ISBN 85-85676-61-2. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/t4s9t/pdf/giffin-9788575412916-05.pdf>, acessado em: ago/2018.

Abstract: That article has the objective to analyze social structures and the role of maids within Gilead society, through dystopia as a tool for historical analysis, making a parallel between medicalization of female bodies in historiography.

Keywords: *dystopia, medicalization, history.*